

O FRACASSO ESCOLAR NO CONTEMPORÂNEO: UM CASO DE MEDICALIZAÇÃO?

Fernanda de Avellar e Silva

Graduanda em Psicologia na UFRJ

Ulisses dos Anjos Carvalho

Graduando em Psicologia na UFRJ

Orientadora:

Cristina Monteiro Barbosa (Professora-Doutora, Psicologia, UFRJ)

RESUMO ESTENDIDO

Apresentação

As diversas ciências ditas humanas se deparam, hoje, com uma sociedade organizada de forma diferente daquela existente no ocidente do final do século XX. Essa transformação tornou-se objeto de estudo fundamental para essas ciências, assim como o homem que emerge nesse cenário. Nas diversas áreas do saber que fazem dessa passagem seu objeto de estudo são observados, de forma recorrente, a soberania do capitalismo e das ciências biológicas e a forma como ambas afetam o homem contemporâneo desde seu cotidiano à sua própria constituição enquanto humano (FOUCAULT, 1979).

Esse homem contemporâneo, capaz de comprar aquilo que "deseja", passa a vincular sua auto-imagem nas relações comerciais, chegando a pensar em si mesmo como um produto passível de ser modificado e melhorado em processos rápidos e "eficazes" através de medicamentos que supostamente corrigiriam imperfeições e falhas, diminuindo o espaço entre um eu real falho e um eu idealizado, super potente e infalível. Encontramos, então, um quadro no

qual a saúde se torna um produto comprável e gerador de lucro, dentro da ótica capitalista (FOUCAULT, 1979).

Nesse contexto surge uma medicina que procura categorizar os chamados transtornos e distúrbios e responder com fármacos de ação rápida e pouco duradoura, eliminando temporariamente sintomas, desvios e falhas. Essa prática, por outro lado, trouxe uma maciça patologização, onde a tristeza se torna depressão e ser criança é ter TDAH. Mas a falta de sintomas pode ser entendida como saúde? Para a OMS, o conceito de saúde se define como: "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades". Assim, podemos pensar que não teremos uma pessoa verdadeiramente saudável por não sofrer de qualquer sintoma como o processo exagerado de medicalização parece sugerir (OMS, 2012).

Essa forma biológica/capitalista de se pensar o homem afeta a todos nos diferentes níveis da experiência humana e as relações que se estabelecem (FOUCAULT, 1979). Assim, pode-se perceber, por exemplo, que recentemente houve um aumento significativo do número de crianças encaminhadas com dificuldades de aprendizagem. Casos esses que não apresentam qualquer déficit cognitivo ou neurológico. São crianças que dizem não conseguir aprender, mesmo que se empenhem para melhorar o desempenho escolar. Essas dificuldades são pontuadas por pais e professores como sendo desvios e em muitos casos, até previamente "auto-diagnosticados" como TDAH ou dislexia e assim passível de uma medicalização.

O objetivo do presente estudo é apresentar uma outra visão sobre o fracasso escolar, pautada em uma maneira de ver o homem que não se limita, somente, a um plano biológico, mas também como produto socio-histórico. Admitindo assim que este humano é um sujeito que fez-se junto com o social e por isso capaz de encontrar maneiras diferentes de lidar com aquilo que lhe aflige. Partindo daí passamos a propor outras formas de se trabalhar esse fracasso escolar, sem perder o caráter subjetivo que esse sintoma pode trazer e a singularidade de cada caso (MANNONI, 1982; FREUD, 1912).

Metodologia

A presente pesquisa se construirá inicialmente através da revisão bibliográfica sobre a temática, associada a uma análise das demandas que foram endereçadas ao projeto de extensão "O fracasso escolar: o sentido em questão", cujo atendimento ocorre no Departamento de

Psicologia Aplicada da UFRJ. O trabalho no projeto é focado no atendimento clínico individual de orientação psicanalítica a pacientes que tem como principal queixa a dificuldade de aprendizado e que não foram detectados como possuidores de déficit cognitivo ou neurológico. A metodologia utilizada para a pesquisa é a qualitativa, utilizando a técnica de estudo de caso para analisar a história de vida dos pacientes, bem como os relatos de pais e professores.

Desenvolvimento teórico

Para a Organização Mundial da Saúde, entende-se por saúde o completo bem-estar físico, psicológico e social, não sendo apenas a ausência de enfermidade (OMS, 2012). A atual fase do capitalismo em suas exigências por produtividade e consumo, a rapidez das novas tecnologias, o distanciamento das relações interpessoais, a efemeridade de informações e produtos, coloca à sociedade novas formas de ser e estar no mundo (FOUCAULT, 1979).

Nos últimos anos têm-se observado um número cada vez maior de casos de crianças que apresentam dificuldades de aprendizado encaminhados aos consultórios de Psicologia (CABRAL e SAWAYA, 2001). Cabe-nos o questionamento do porquê desse aumento. Serão de fato patologias biológicas, uma epidemia de transtornos e síndromes ou um sintoma do próprio contemporâneo? Uma incapacidade de adaptação ao modelo de ensino, uma carência cultural ou reflexos do contexto histórico do qual fazemos parte?

Faz-se necessária uma análise mais profunda do contexto emocional, social e familiar e seus reflexos nas crianças que são encaminhadas a esse tipo de atendimento. Não é pouco comum na clínica o aparecimento de questões do tipo “não consigo aprender”, “estudo, mas não consigo fixar a matéria”. Em uma sociedade na qual não há espaço para a não produção, tal demanda é vista como algo que deve ser corrigido. Isso somado ao pensamento da instantaneidade juntamente com a ideia do maior lucro apregoada pelo capitalismo, empurram como solução a medicalização. Aumenta-se a produtividade de maneira rápida, sem trabalhar a causa do problema propriamente dita e trazendo lucros. Um bom exemplo para a questão é o consumo do metilfenidato, também conhecido como ritalina, ou até mesmo por “droga da obediência”, que aumentou vertiginosamente nos últimos 20 anos, que tem por fim a melhoria de desempenho de maneira geral do indivíduo (ORTEGA, 2010).

O conceito de fracasso escolar surgiu a partir da instauração da escolaridade obrigatória, no fim do século XIX, embora haja os primeiros registros somente no século XX. Inicialmente,

suas causas foram atribuídas a questões referentes ao sujeito, como uma incapacidade individual que acabavam por produzir a segregação de alunos tidos como “mentalmente debilitados” (FARIAS, 2007). Posteriormente, com a introdução do pensamento psicanalítico na análise de situações escolares, o contexto familiar e emocional da criança passam a ser levados em conta. Nessa época surge o conceito de “criança problema”, para as quais eram indicados processos de diagnóstico e acompanhamento psicológico e reeducativo (SANTIAGO, 2005).

No contexto atual, as questões vão além da atribuição de responsabilidade do aprendizado à capacidade individual da criança. Uma delas é o papel atual ocupado pela instituição de ensino e pelos pais no processo educativo. O posicionamento de ambos com relação ao seu papel de autoridade frente a criança vem se modificando ao longo do tempo, em um processo de “fuga da responsabilidade” com relação aos limites que devem ser dados. Com relação aos pais, estes podem não se apropriar de sua posição devido ao reduzido tempo disponível para os filhos, devido a uma rotina de trabalho pesada. Dessa forma, há grande possibilidade de sentirem-se em dívida com os filhos, num papel de compensar tal ausência com a permissividade. Ou ainda, aqueles que atribuem o papel de educação unicamente à escola, numa tentativa de furtar-se ao menos de uma dentre tantas responsabilidades. No caso dos professores, podemos levantar a hipótese da redução da importância que é dada ao docente enquanto detentor e transmissor de saber. O professor cada vez mais deve se desdobrar em métodos que atraiam a atenção dos alunos, não pelo conhecimento que está sendo transmitido, mas pela forma de transmissão (PATTO, 2002). Segundo Freud, deve-se buscar um ponto ótimo entre a permissividade e o autoritarismo (FREUD, 1932).

Resultados Apresentados

Na prática clínica desenvolvida no projeto de extensão "Fracasso escolar: O sentido em questão" é bastante significativo entre o número de casos atendidos o enfraquecimento das figuras de poder. São casos de pais que não sabem como atuar ou mesmo pouco presentes, além de professores que delegam integralmente o papel de educar a terceiros como pais e inspetores. Chegamos a ver, inclusive, a entrada da própria polícia nas escolas, símbolo do deslocamento da autoridade da figura do professor para um representante do Estado. Essas observações parecem corroborar o que teóricos da psicanálise contemporânea vão chamar de um "declínio da função paterna" (LACAN, 1960-1961/1992). Em outras palavras, a criança em seu processo de

desenvolvimento não encontra uma figura que se apresente de forma forte o suficiente para uma constituição psíquica que atenda às demandas do sujeito e da sociedade simultaneamente.

Assim, passamos de uma visão que reduz o sujeito à uma esfera biológica para uma visão holística, não se prendendo a uma relação simplista de causa e efeito e sim tratando o sujeito e aquilo que ele apresenta (da fala ao sintoma) como um discurso localizado em uma sociedade histórica que o afeta e é afetada por ele. Podemos, então, passar a uma atuação clínica que aponte para este sujeito novas formas de ser perante suas dificuldades e sofrimento, saindo de uma postura que anula o sintoma para outra que o entende como advindo de algo estrutural, abrindo espaço para que outras formas de se viver essas estruturas possam ser construídas. Estas novas formas de ser, em último, poderão ser aquilo que apontam para um futuro diferente em todos os círculos sociais pelos quais este sujeito percorre.

Referências

CABRAL, E.; SAWAYA, S.M. - Concepções e atuação profissional diante das queixas escolares: os psicólogos nos serviços públicos de saúde. Universidade de São Paulo: Estudos de Psicologia 2001, 6 (2), 143-155.

FREUD, S. (1900) - A Interpretação de Sonhos. Volume IV. Rio de Janeiro: Imago,1989.

_____. (1932) - Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Volume XXII. Rio de Janeiro: Imago,1989.

FARIAS, F. R. – “O Fracasso Escolar no Cenário das Patologias da Contemporaneidade” - Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2, 2007. Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/abp>. Acesso em 20/07/2012.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LACAN, J. (1960-1961/1992) - O seminário, livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MANNONI, M. - “A Primeira Entrevista em Psicanálise” - Rio de Janeiro: Ed. Campus,1982.

OMS. Disponível em <http://www.who.int/whr/en/index.html>. Acesso em 19/07/2012.

ORSI, M. J. S. - “Reflexos da contemporaneidade na aprendizagem escolar” – Paraná: ABPppr, 2003.

ORTEGA, Francisco et al. A ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. *Interface (Botucatu)* [online]. 2010, vol.14, n.34, pp. 499-512. Epub Sep 17, 2010. ISSN 1414-3283. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832010005000003>.

PATTO, M.H.S. - A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SANTIAGO, A L.A - “Inibição Intelectual na Psicanálise”. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.